



COMUNIDADE E PERTENCIMENTO NO CAMPO: A SOLIDARIEDADE COMO CONTRIBUIÇÃO NA EDUCAÇÃO

COMUNIDAD Y PERTENENCIA EN EL CAMPO: LA SOLIDARIDAD COMO APORTE A LA EDUCACIÓN

COMMUNITY AND BELONGING IN THE COUNTRYSIDE: SOLIDARITY AS A CONTRIBUTION TO EDUCATION

Gisele de Souza Gonçalves¹

Fernando José Martins²

Resumo:

Este artigo apresenta a importância da solidariedade para o pertencimento e, consequentemente, o fortalecimento da educação tendo como referência a escola em uma comunidade do campo em Foz do Iguaçu, no Paraná. Esta intenção surge em virtude da pesquisa etnográfica na comunidade onde se localiza a Escola Municipal Eleodoro Ébano Pereira. A escola foi construída pelas famílias do bairro Lote Grande, em 1968, quando à época não havia escolas próximas das propriedades rurais. Atualmente o bairro está ganhando cada vez mais loteamentos, todavia há muitas famílias que vivem da agricultura e pecuária em pequenas propriedades. A metodologia adotada neste artigo é a pesquisa bibliográfica e análise das entrevistas realizadas durante uma pesquisa etnográfica na escola e sua comunidade. O que foi identificado nesta pesquisa é que a comunidade com sua solidariedade fortalece a escola e seus sujeitos, mostrando o quanto a sociabilidade dos sujeitos do campo trazem contribuições na educação.

Palavras-chave: solidariedade; educação; campo; comunidade.

¹ Doutora pelo Programa Interdisciplinar em "Sociedade, Cultura e Fronteiras" da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, docente na educação básica da rede municipal de ensino de Foz do Iguaçu (PR). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6723-9161>. E-mail: giselegoncalves.letras@gmail.com.

² Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2009), professor Associado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus Foz do Iguaçu (PR), bolsista pós-doc sênior CNPq. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9924-4678>. E-mail: fernandopedagogia2000@yahoo.com.br.

Abstract:

This article seeks to present the importance of solidarity for belonging and, consequently, the strengthening of education with reference to the school in a rural community in Foz do Iguaçu, Paraná. This intention arises from the ethnographic research in a community where the Escola Municipal Eleodoro Ébano Pereira. The school was built by families from the Lote Grande neighborhood, in 1968, when at the time there were no schools close to the rural properties. Currently, the neighborhood is gaining more and more subdivisions, however there are many families who live from agriculture and livestock on small properties. The methodology adopted in this article is the bibliographical research and analysis of the interviews carried out during an ethnographic research in the school and its community. What was identified in this research is that the community, with its solidarity, strengthens the school and its subjects, showing how much the sociability of rural subjects contributes to education.

Keywords: solidarity; education; field; community.

Resumen:

Este artículo presenta la importancia de la solidaridad para la pertenencia y, en consecuencia, el fortalecimiento de la educación con referencia a la escuela en una comunidad rural de Foz do Iguaçu, Paraná. Esta intención surge de la investigación etnográfica en la comunidad de la Escola Municipal Eleodoro Ébano Pereira. La escuela fue construida por familias del barrio Lote Grande, en 1968, cuando entonces no había escuelas cerca de las fincas. Actualmente el barrio gana cada vez más fraccionamientos, sin embargo hay muchas familias que viven de la agricultura y la ganadería en pequeñas propiedades. La metodología adoptada en este artículo es la investigación bibliográfica y el análisis de las entrevistas realizadas durante una investigación etnográfica en la escuela y su comunidad. Lo que se identificó en esta investigación es que la comunidad, con su solidaridad, fortalece la escuela y sus sujetos, mostrando cuánto la sociabilidad de los sujetos rurales contribuye a la educación.

Palabras clave: solidaridad; educación; campo; comunidad.

Introdução

Quando se fala em espaço rural, pode-se entender um lugar com plantações, animais de criação, estradas, casas distantes, uma escola – quando há – e uma igreja. Esta imagem limita um conjunto de elementos que compõem este espaço e que o constroem, inclusive atribuindo a ele a importância de existir, como a exigência da instituição escolar nesse ambiente quando não se tem. O movimento de buscar, exigir, organizar-se e planejar ações que atendam demandas de sujeitos de uma determinada comunidade rural pode trazer benefícios e favorecer a união do grupo em favor de uma necessidade comum.

Sobre a solidariedade e sociabilidade que surgem nesse contexto, no desenvolvimento deste artigo, serão apresentados conceitos que possam valorizar esta análise. Além disso, será utilizado o estudo etnográfico que conta sobre uma comunidade na qual a escola foi, por aquela, construída. Inaugurada em 1968, ainda hoje tem o reconhecimento da comunidade como lugar de pertencimento.

Este artigo se apresenta da seguinte forma: na primeira seção, aponta elementos a partir de pesquisas de autores e autoras sobre aqueles que trabalham e vivem da terra; na segunda seção, o texto usará exemplos a partir da pesquisa etnográfica feita na região rural do município de Foz do Iguaçu, no Paraná; na terceira, há uma análise a respeito do tema exposto na primeira seção, numa perspectiva freireana. Depois desses elementos apresentados, tem-se as considerações.

A partir desse encaminhamento, será abordada a solidariedade no contexto rural numa relação com os escritos de Paulo Freire, considerando as ações solidárias como contribuições para a uma educação que atenda aos seus sujeitos.

1 O caminho metodológico

Para atender ao objetivo deste estudo – apresentar como a solidariedade fortalece a educação em uma comunidade do campo em Foz do Iguaçu, no estado do Paraná – foram utilizadas pesquisas bibliográficas referentes ao estudo da comunidade e da educação do campo por meio da leitura e seleção de obras destes temas, buscando-os entre outros pesquisadores, além de materiais em revistas acadêmicas da área.

A pesquisa etnográfica ocorreu durante os anos de 2021 e 2022 – por meio de conversas não-presenciais em virtude da pandemia, bem como presenciais e com todos os cuidados exigidos naquele período. Ocorreram visitas na escola em questão, além de entrevistas

com pessoas da comunidade em que a escola se localiza. Foi usado um diário de campo a fim de aproximar os sujeitos, considerando que o distanciamento e uso de máscaras proporcionava certo desconforto dado o contexto pandêmico. Assim foram evitadas gravações para que as conversas, especialmente com as pessoas de mais idade, ocasionalmente momentos de mais tranquilidade e menos inibição. Como cita Maristela Pereira Fritzen,

O papel do etnógrafo passa a ser fundamental na busca de compreensão das interpretações dos sujeitos do grupo pesquisado. Esse grupo pode ser uma sociedade mais ampla, ou uma situação social singular, uma comunidade escolar, uma sala de aula, um grupo organizacional, um grupo minoritário, enfim, um grupo social cuja cultura e os modos de produzir sentidos para os eventos nos quais estejam engajados desafie o pesquisador a conhecer, compreender (Fritzen, 2012, p.57).

Assim, a pesquisa foi realizada, tendo em vista o momento em que estavam vivendo os sujeitos, os quais representam a comunidade escolar: cinco docentes, uma gestora, uma servidora aposentada e moradora da comunidade, uma merendeira, uma zeladora, duas moradoras da comunidade que tiveram filhos e netos na escola.

Após realizado o estudo, apresentamos aqui este artigo, a fim de mostrar o quanto a solidariedade favoreceu a educação na comunidade pesquisada.

2 A solidariedade e a sociabilidade como elementos dos sujeitos da terra

Para abordarmos os sujeitos da terra, vamos recorrer ao conceito de camponês³, a fim de relacionar características entre pesquisas que apresentam estudos a respeito daqueles que vivem da terra. Também serão apresentadas as entrevistas de sujeitos da comunidade de que trata este artigo.

Iniciamos esta seção com a contribuição de Costa e Carvalho (2012).

Camponeses são aquelas famílias que têm acesso à terra e aos recursos naturais que ela suporta, resolvem seus problemas reprodutivos - suas necessidades imediatas de consumo e o encaminhamento de projetos que permitam cumprir adequadamente um ciclo de vida da família - mediante a produção rural desenvolvida de tal maneira que não se diferencia o universo dos que decidem

³ Sabe-se que o conceito é complexo e detém variações não contidas no artigo, porém, como não é objeto o debate conceitual sobre o campesinato, nos utilizamos dessa referência como delimitadora da análise.

sobre a alocação do trabalho dos que se apropriam do resultado dessa alocação (Costa e Carvalho, 2012, p. 113).

O autor considera ainda que,

O camponês enquanto unidade familiar de produção e de consumo, assim como o campesinato, enquanto classe social em construção, enfrentam desafios fundamentais para garantir a sua reprodução social numa formação social sob a dominação do modo de produção capitalista: o camponês, para afirmação da sua autonomia relativa perante as diversas frações do capital; o campesinato, para a construção de uma identidade social que lhe permita constituir-se como classe social e, portanto, como sujeito social na afirmação de seus interesses de classe (Costa e Carvalho, 2012, p. 116).

Ao considerar as afirmações do autor, pode-se entender o camponês como aquele que com sua família produz e consome de acordo com suas ações em um espaço que lhe é possível. No caso da comunidade em que a Escola Municipal Eleodoro Ébano Pereira se localiza, os camponeses - ainda que não estejam vinculados a movimentos sociais - se unem para alcançar os objetivos identificados para o bem da comunidade.

Martin Buber, filósofo, escritor e pedagogo, escreve sobre comunidade, considerando uma nova construção: mais igualitária e solidária. Para o autor, "Vida e comunidade são os dois lados de um mesmo ser. E temos o privilégio de tomar e oferecer a ambos de modo claro: vida por anseio à vida, comunidade por anseio à comunidade" (BUBER, 2012, p.34). Tal concepção favorece o entendimento de como a comunidade está relacionada ao propósito de vida que se quer ter ou se anseia a partir dos relatos dos sujeitos da pesquisa etnográfica. Nesta relação, o modo de vida que se busca ter neste espaço almeja mais qualidade de vida e este compreende permanecer em comunidade, a qual favorece esse modo de vida. Nessa relação, a comunidade e a escola – esta como espaço de materialização do objetivo de atender as crianças das famílias daquela – se envolvem e se complementam. O interesse da comunidade para que a escola permaneça e seja valorizada perpassa a ideia de que a escola possa atender crianças que sejam necessariamente familiares. Um exemplo disso é o fato de, em 2021, a escola solicitar que pessoas da comunidade participassem de uma assembleia na qual os moradores da região poderiam votar nas prioridades de seu bairro: o orçamento participativo ⁴. A assembleia contava com a comunidade e membros do governo municipal. O relato da diretora apresenta a valorização e importância que a comunidade dedica à escola: "Nós fizemos o convite, mandamos mensagem, fizemos o vídeo chamando para participar e muita gente que nem tem mais os filhos na escola compareceu". Muitos dos sujeitos que compareceram na noite do evento já não tinham filhos na escola

Antonio Cândido apresenta em "Os parceiros do rio Bonito", uma definição importante sobre bairro, que complementa a ideia de comunidade:

⁴ De acordo com a Lei nº 2258, de 24 de novembro de 1999.

Um bairro poderia, deste ângulo, definir-se como o agrupamento territorial, mais ou menos denso, cujos limites são traçados pela participação dos moradores em trabalhos de ajuda mútua. É membro do bairro quem convoca e é convocado para tais atividades. A obrigação bilateral é aí elemento integrante da sociabilidade do grupo, que dessa forma adquire consciência de unidade e funcionamento (Cândido, 1997, p. 67).

Embora haja concordância sobre o conceito de bairro e da importância de comunidades, sejam elas de bairros urbanos e/ou rurais, há também que se considerar as mudanças pelas quais muitas comunidades rurais e de camponeses, com a modernidade e a urbanização, aproximam-se cada vez mais de características urbanas. De acordo com Laubstein (2011),

as atuais contradições econômicas, sociais e ambientais ligadas ao modo de produção econômica do país, têm suscitado uma nova forma de se pensar as funções do espaço rural para além da produção de alimentos e de matérias-primas, o que têm despertado novas práticas econômicas e sociais no campo e consequentemente, novas concepções acerca da ruralidade. Um conjunto de atividades diferentes das tradicionais passou a ser desenvolvido no campo. Essas atividades caracterizam-se pela incorporação de novos produtos agropecuários, industriais, prestação de serviços e atividades de entretenimento, caracterizadas pela busca por espaços bucólicos e/ou marcados pela tradição cultural, nos momentos de ócio. Essas atividades emergentes em vários pontos do globo entusiasmaram grupos de estudiosos brasileiros que passaram a falar de um “novo rural” no Brasil (Laubstein, 2011, p.94).

A autora comenta a respeito de novas características da ruralidade. No caso da comunidade deste estudo, cujo nome do bairro é Lote Grande, temos algumas atividades que estão relacionadas ao entretenimento como, por exemplo, as propriedades que estão disponíveis para locação para lazer e eventos. Esta prática não acontece apenas nessa região, há outros lugares no município em que é bastante comum propriedades na área rural serem usadas para eventos. Assim é possível perceber outras formas de renda advindas da área rural.

Apesar de mudanças significativas em torno das características tradicionais da área rural, ainda é comum existir dificuldades quanto ao acesso de serviços públicos como o acesso ao transporte. Durante as entrevistas realizadas, foi citado sobre a falta de linha de transporte público na área onde se localiza o bairro Lote Grande: “a gente tem que ir até a BR a pé pra pegar o ônibus, não passa mais aqui” – fala de uma moradora.

Fato que se destaca, considerando que a reunião do orçamento participativo aconteceu na noite de 30 de setembro de 2021, em um salão paroquial do outro lado da BR 277. Os moradores compareceram para legitimar a importância da escola na região do Lote Grande, além de fortalecer a resistência para tê-la no bairro, já que conseguiram a partir do voto que a mesma recebesse o compromisso da prefeitura em ampliá-la. Como Alfonso Torres Carrillo explica,

o sentido irreflexivo mais corrente da palavra “comunidade”, a identifica com formas unitárias e homogêneas de vida social em que prevalecem traços, interesses e fins comuns. Em geral se associa a um território pequeno (bairro, localidade) ou uma população homogênea (moradores, beneficiários de um programa, usuários de um serviço), geralmente pobre ou marginal, que compartilha alguma propriedade (necessidades, interesses, ideais). Dita uma imagem unitária e essencialista de comunidade, invisibiliza as diferenças, tensões e conflitos próprios de todo coletivo ou entidade social⁵ (Carrillo, 2013, p.12, grifos do autor, tradução livre).

Este fato também serve para entender a solidariedade entre os moradores, considerando que as famílias se organizaram e a proposta de reforma e ampliação da escola Eleodoro Ébano Pereira recebeu cem votos, número significativo, pois foi a proposta mais votada entre todas.

3 A sociabilidade da gente da terra como elemento fortalecedor da comunidade e da escola

A comunidade da região de Lote Grande apresenta suas características predominantemente como uma região rural. A escola, que existe desde 1968, tem forte ligação com sua comunidade. As famílias mostram engajamento sempre que a escola necessita. De acordo com Milton Santos (2000), em “Por uma outra globalização do pensamento único à consciência universal”,

Desde o princípio dos tempos, a agricultura comparece como uma atividade reveladora das relações profundas entre as sociedades humanas e o seu entorno. No começo da história tais relações eram, bem dizer, entre os grupos humanos e a natureza. O avanço da civilização atribui ao homem, por meio do aprofundamento das técnicas e de sua difusão, uma capacidade cada vez mais crescente de alterar os dados naturais quando possível reduzir a importância do seu impacto e também por meio da organização social de modificar a importância dos seus resultados. Os últimos séculos marcam, para atividade agrícola com a humanização e a mecanização do espaço geográfico, uma considerável mudança

⁵ El sentido irreflexivo o más corriente de la palabra “comunidad”, la identifica con formas unitarias y homogéneas de vida social en las que prevalecen rasgos, intereses y fines comunes. Por lo general se le asocia a un territorio pequeño (barrio, localidad) o una población homogénea (probladores, beneficiarios de un programa, usuarios de un servicio), generalmente pobre o marginal, que comparte alguna propiedad (necesidades, intereses, ideales). Dicha imagen unitaria y esencialista de comunidad, invisibiliza las diferencias, tensiones y conflictos propios de todo colectivo o entidad social (Carrillo, 2013, p. 12, gifos do autor).

de qualidade, chegando-se, recentemente, à constituição de um meio geográfico a que podemos chamar de meio técnico-científico-informacional, característica não apenas da vida urbana, mas também do mundo rural, tanto nos países avançados como nas regiões mais desenvolvidas dos países pobres. É desse modo que se instala uma agricultura propriamente científica, responsável por mudanças profundas quanto à produção agrícola e quanto à vida de relações (Santos, 2020, p. 105).

E esse espaço rural não é apenas um lugar em que se planta como processo mecânico, ele tem ação e reflexão que se constroem a partir do pertencimento daquilo que se faz, onde, como e com quem. É perceptível no grupo pesquisado que professores e comunidade se preocupam muito em como as crianças entendem o lugar onde vivem, em como reconhecem a importância de sua comunidade. Essa relação entre comunidade e escola pode ser exemplificada por meio de uma família muito ligada à Escola Municipal Eleodoro Ébano Pereira, cuja mãe foi merendeira da instituição, de 1990 a 2013, e seus filhos ali estudaram. Atualmente uma de suas filhas é coordenadora da escola, segue seu relato:

Antes de eu ser professora na escola, eu trabalhei dois anos e pouco como serviços gerais e depois como professora eu trabalhei uns dez anos, aí eu fiquei é [...] excedente e daí fui pro João Adão [maior escola de Foz do Iguaçu no bairro Três Lagoas - área urbana] e voltei e agora faz mais de sete anos que estou aí.

O caminho – mais de duas décadas, considerando que o relato é de 2022 – desta funcionária até chegar à coordenação pedagógica da escola iniciou quando ela ainda era aluna e sua mãe a merendeira da escola, depois de crescida, lá ocupou o cargo de serviços gerais. Fez o concurso público para ocupar uma vaga de professora da rede municipal e foi convocada, porém, não sobrou vaga para que ela atuasse na escola em que estudou. Após um período em outra instituição, retorna à Escola Municipal Eleodoro Ébano Pereira e permanece como coordenadora pedagógica no período da manhã, pois no período da tarde usufrui da aposentadoria.

Entre tantas histórias da comunidade, a escola é uma memória viva do processo de desenvolvimento como região e de relações que se firmaram entre os sujeitos favoreceram sua existência.

Durante as entrevistas realizadas, muitas vezes a pessoa a quem se dirigia a pergunta iniciava a resposta tendo como referência um período em que na escola aconteceu algo que merecesse destaque: sua construção, ampliação, proposta de mudança. Etapas sempre que ainda marcam a presença da comunidade.

A relevância dos sujeitos da comunidade que sempre apoiaram a escola foi notada durante a pesquisa etnográfica, bem como o respeito dos servidores da escola no objetivo de manter a instituição no bairro em cada risco de fechá-la e seus alunos serem levados por transporte escolar até outra instituição em bairros maiores e predominantemente urbanos. Sobre a etnografia, Levi-Strauss cita que esta proporciona-lhe uma satisfação intelectual: “como história que une por suas duas extremidades a do mundo e a minha, ela desvenda ao mesmo tempo a razão comum de ambas” (Levi-Strauss, 1996, p. 56). É

possível concordar com tal afirmação na experiência desta pesquisa, pois nela foi perceptível uma razão que une os sujeitos desta pesquisa - pesquisadora e comunidade - a educação. E esta pode ser relacionada à solidariedade, pois reconhecer que os demais precisam de um lugar em que a educação seja transmitida, construída e adquirida é um ato solidário para com o grupo em comum, o grupo no qual se pertence, como veremos a seguir.

4 A educação e a solidariedade se complementam

Ao realizar a pesquisa nesta comunidade e escola – usando como instrumentos da etnografia a observação, a entrevista e o diário de campo – pôde-se identificar a presença da solidariedade nos relatos que traziam fatos sobre os quais comunidade e servidores viveram e resistiram pela existência e continuidade da escola, como a organização para sua construção, a exigência para que a escola não fechasse em outras gestões do governo municipal e a participação na escolha pela ampliação e reforma do prédio escolar na assembleia do orçamento participativo.

Fatos como estes destacam a importância da educação para a comunidade. Para Paulo Freire,

Ao perguntar acerca de algumas das razões fundamentais para a existência da educação, nós estamos perguntando sobre a nossa própria existência no mundo. Eu acredito que é impossível entender a educação sem uma certa compreensão dos seres humanos. E como é que nós, seres humanos, mulheres e homens, criamos em nós mesmos a necessidade e a possibilidade de praticar a educação? Como é que nós criamos a possibilidade de educar e de sermos educados? A esta altura, nós estamos tocando em alguma coisa que nós podemos chamar de natureza do ser humano. Natureza, não entendida como alguma coisa que simplesmente existe e não como uma coisa que existe independente da História, a priori da História, mas, ao contrário, como uma criação dentro da História. Quer dizer, como seres históricos nós estamos permanentemente engajados na criação e na recriação de nossa própria natureza (Freire, 2021, p.24-5).

A partir desta análise de Paulo Freire, pode-se entender a relação entre comunidade e escola como um ato de solidariedade para com as crianças, sejam elas da família ou não, pois todas são daquela comunidade e serão elas os sujeitos que agirão nesta para seu desenvolvimento, valorização e manutenção da escola. O pertencimento é construído e mantido por ações solidárias que fortalecem o grupo.

Outro caso interessante e solidário conhecido por meio da pesquisa foi o cuidado que a comunidade teve para com uma família vinda do Nordeste, cujo pai a abandona. A mãe e seus filhos ficam na comunidade, ali crescem e criam laços com pessoas que não são familiares. A mãe em questão, atualmente, é uma senhora que mora na comunidade em uma pequena propriedade e conta: “elas me ajudaram muito, mataram a fome das

minhas crianças". As mulheres a quem se refere são duas senhoras, sendo uma delas a ex-merendeira da escola, que batizou um dos filhos da migrante que ali foi acolhida.

A noção de vida comunitária, onde se incluem o respeito, a preocupação com o outro, a solidariedade, é, neste sentido, fundamental. E daí nos depararmos, seguindo nosso raciocínio de buscar, a inserção destas noções na educação do ser humano contemporâneo, com a questão de como fortalecer o espírito de comunidade (Oliveira, 2021, p. 125).

De acordo com Oliveira é na vida comunitária que respeito preocupação com os demais constroem a solidariedade como fundamental. Outra história também recolhida durante as entrevistas diz respeito ao relato da atual merendeira da escola, que durante sua fala a respeito das características da Escola Municipal Eleodoro Ébano Pereira resgatou a semelhança entre a escola em questão e a escola em que estudou durante sua infância. Ela comenta que em escolas localizadas em áreas rurais a comunidade é mais unida e as crianças são diferentes, brincam mais e estão sempre alegres. Ela ainda compartilhou que quando criança sua mãe foi embora e ela e sua irmã ficaram sob o cuidado do pai. Em uma sociedade patriarcal como a nossa, é possível entender a dificuldade que um homem pode ter em cuidar de crianças sem a presença de uma mulher. Portanto, de acordo com relatos, a partir da escola mulheres da comunidade colaboravam com o cuidado daquelas crianças. Ela aceita que foram muito acolhidas, ela e sua irmã, pela comunidade e pela escola. Ao fim da entrevista ela comenta: não sabia que pesquisavam a escola, que bom que estudam as escolas rurais.

Aproveitando do relato anterior, é possível resgatar este trecho de Malinowski: "Há uma série de fenômenos de suma importância que de forma alguma pode ser registrada apenas com auxílio de questionários ou documentos estatísticos, mas que deve ser observado em sua plena realidade" (Malinowski, 2018, p. 76). Durante as entrevistas mais do que ouvir, escrever foi necessário observar. Por exemplo, a atual merendeira falou da escola onde atua com muito carinho, foi perceptível sua emoção quando relatou sobre a escola de sua infância. Ela se sentiu aparentemente valorizada por contribuir com uma pesquisa que fala sobre um tema no qual ela teve vivência.

Ouvir, observar, aprender e repreender é um processo que exige vontade, sobretudo, de entender o outro. Quando se conhece um pouco das histórias dessa gente da terra que vive em uma pequena região do município de Foz do Iguaçu, percebe-se que a comunidade buscar entender seus sujeitos para saber das necessidades que podem ser atendidas quanto ao bem comum em questão: a escola. Paulo Freire contribui com a seguinte reflexão:

Na medida em que, enquanto falamos, somos o leitor um do outro, leitores de nossas próprias falas, o que ocorre aqui é que cada um de nós é estimulado a pensar e a repensar o pensamento do outro. Assim, creio que nisso repousa a dimensão fundamental da riqueza de um intercâmbio como este. Essa possibilidade comum de nos lermos antes de escrever talvez melhore o que escrevemos, porque nessa interação podemos nos transformar no momento mesmo do diálogo. Em última análise, dialogar não é só dizer "Bom dia, como

vai?". O diálogo pertence à natureza do ser humano, enquanto ser de comunicação (Freire, 2021, p. 17).

Assim, o diálogo como ato humano favoreceu o desenvolvimento da comunidade e faz com que a escola exista e persista mesmo frente a um conflito que Paulo Freire nomeia como situação-limite, o qual Ana Maria Araújo Freire explica:

Os homens e as mulheres têm várias atitudes diante dessas "situações-limite": ou as percebem como um obstáculo que não podem transpor, ou como algo que não querem transpor ou ainda como algo que sabem que existe e que precisa ser rompido e então se empenham na sua superação (Freire, 2020, p. 277).

Para exemplificar uma dessas situações na região podemos citar a tentativa de fechamento que a escola teve a possibilidade de vivenciar, como tantas outras que foram fechadas com o passar dos anos (a última escola fechada no município foi em 2018). Muitas escolas da área rural de Foz do Iguaçu, e também em tantos outros municípios, por não terem muitos alunos matriculados como em escolas urbanas, são fechadas e os alunos são levados a outras escolas mais distantes por meio do transporte escolar, o que muitas vezes desmotiva famílias e crianças de seguirem a escolaridade, considerando que o transporte escolar passa por um trajeto nem sempre próximo das casas e o não pertencimento dessas crianças em escolas de outras comunidades pode levar à evasão.

Como ensina Paulo Freire, é preciso esperançar e a comunidade tem buscado se unir para manter a escola que atende suas crianças em funcionamento e no lugar onde possam ir cultivando o pertencimento que com o tempo se fortalece.

Considerações finais

As entrevistas e análises trouxeram informações que justificam a união do grupo pesquisado. As observações feitas, na escola, durante a pesquisa puderam confirmar a sociabilidade da comunidade e os resultados na educação. Como resultado desse estudo, vale dizer que as escolas do campo que representam número menor de matrículas precisam continuar existindo, pois mostram a existência de um grupo muitas vezes desconsiderado por poderes públicos.

A gente que vive da terra oferece muito sobre a vida em comunidade: suas adversidades, a distância de serviços, a dificuldade de acessos que estão mais próximos de áreas urbanas, bem como a falta de atendimento de serviços públicos fazem com que essas pessoas busquem, por meio da união, formas de amenizar os problemas que surgem. Para isso e em consequência da união, a solidariedade se constrói. Assim, à medida que os seres humanos se aproximam, se conhecem e dialogam, produzem maneiras de sobreviver juntos. A sociabilidade da gente da terra merece ser conhecida, sua

solidariedade valorizada entre aqueles que buscam possibilidades de fazer da escola promotora de vínculos, de sociabilidade, valorizando o sujeito coletivo que é construído por situações adversas em busca de soluções para o bem comum, fazendo da escola um lugar de acolhimento para uma educação libertadora e que possibilite o reconhecimento da comunidade a que pertence.

Referências

BUBER, Martin. **Sobre comunidade**. São Paulo: Perspectiva, 2012. [Coleção Debates 203].

CÂNDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira Paulista e a transformação dos seus meios de vida. 8. ed. São Paulo: Editora 34, 1997.

FOZ DO IGUAÇU. **Lei nº 2258/1999**. Institui o Sistema de Orçamento Participativo no município de Foz do Iguaçu e dá outras providências.

Disponível em <https://leismunicipais.com.br/a/pr/f/foz-do-iguacu/lei-ordinaria/1999/226/2258/lei-ordinaria-n-2258-1999-institui-o-sistema-de-orcamento-participativo-no-municipio-de-iguacu-e-da-outras-providencias>. Acesso em 20 ago. 2023.

FREIRE, Ana Maria Araújo. *In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 27. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. 14. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da solidariedade**. 4. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FRITZEN, M. P. O olhar da etnografia no fazer pesquisa qualitativa: algumas reflexões teórico-metodológicas. *In: FRITZEN, Maristela Pereira; LUCENA, Maria Inês Probst (org.). **O olhar da etnografia em contextos educacionais**: interpretando prática de linguagem*. Blumenau: Edifurb, 2012 (56-71).

LAUBSTEIN, F.C. A ruralidade ontem e hoje: Uma análise do rural na contemporaneidade. Fernanda Cristina Laubstein. **Revista Aurora**. Ano V número 8 – agosto, 2011. (92-102). Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/aurora/article/view>. Acesso em: 21 ago. 2023.

LEVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MALINOWISKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

OLIVEIRA, W.F. **Fatalismo e conformidade**: a pedagogia da opressão. In: FREIRE, Paulo. Pedagogia da solidariedade. 4. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2021 (110 a 133).

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 34. ed. Rio de Janeiro: Record, 2022.

A Revista Interdisciplinar Sulear declara que os(as) autores(as) são responsáveis pela revisão textual, tanto da Língua Portuguesa, das línguas estrangeiras e das normas e padronizações vigentes.

Recebido em: 3/11/2023

Aprovado em: 10/9/2025